

Causação Mental no “Naturalismo Biológico” de Searle¹

Jaegwon Kim²

Tradução:

João Paulo Maciel de Araújo³

Revisão:

Tárik de Athayde Prata⁴

Eis a boa notícia anunciada por Searle na primeira sentença do seu livro *A redescoberta da mente*: “O famoso problema mente corpo... tem uma solução simples.”⁵ Qual é esta simples solução que tem escapado por tanto tempo a todos os “*experts*” em filosofia da mente e ciências cognitivas? Searle não perde tempo: Em seu estilo caracteristicamente direto e confiante, ele anuncia as novas.

Aqui está ela: Fenômenos mentais são causados por processos neurofisiológicos no cérebro e são eles mesmos características do cérebro (p. 1 [7]).⁶

Searle chama esta solução de “naturalismo biológico”. Muitas outras soluções “simples,” “fáceis,” e “óbvias” são oferecidas por todo o livro, por exemplo, para o problema das outras mentes (p. 76 [113-14]), consciência (p. 93 [138]), e reducionismo (p. 18 [30]).⁷

A má notícia, como já era de se esperar, é que nenhuma dessas soluções parece muito simples ou óbvia; ao menos no caso do problema mente-corpo, a solução de Searle parece-me carregada de ambiguidades e dificuldades – do tipo que não são realmente

¹ O artigo, *Mental Causation in Searle’s “Biological Naturalism”*, foi originalmente publicado em *Philosophy and Phenomenological Research* Vol. LV, No. 1, March 1995, pp. 189-194. Tradução autorizada pelo autor.

² PhD pela Princeton University. Professor emérito da Brown University (Providence – Rhode Island). E-mail: Jaegwon.Kim@brown.edu.

³ Doutorando em Filosofia Analítica pelo programa integrado de Pós-Graduação em Filosofia UFPB-UFPE-UFRN. Professor substituto do Departamento de Filosofia da UFPE.

⁴ Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UFPE.

⁵ *The Rediscovery of the Mind* (Cambridge: The MIT Press, 1992), p. 1 [7]. Mais referências de paginação deste livro serão inseridas ao longo do texto.

⁶ O primeiro número é o da página da edição original, citada por Kim. O número entre colchetes é o da página correspondente na edição brasileira: *A redescoberta da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. A tradução das citações de Searle aqui nem sempre corresponde à tradução da edição brasileira. (Nota do revisor).

⁷ No seu texto, Kim indica, de fato, a página 18. Entretanto, provavelmente ele se referia à página 118 [171], na qual Searle efetivamente apresenta a sua solução para o reducionismo. (Nota do revisor).

novas. Há muito no livro de Searle que eu acho revigorante e estimulante, e sobre alguns pontos importantes – em particular, sobre o assunto das supostas propriedades estudadas pela ciência cognitiva, a saber, propriedades formais/computacionais alegadamente abstraídas da natureza física/biológica dos agentes cognitivos – nós somos basicamente em simpatia, se não totalmente de acordo. Porém, acredito que o seu naturalismo biológico que fornece o esquema metafísico básico para Searle, precisa ser repensado desde os seus fundamentos. Pode ser que exista uma solução simples para o problema mente-corpo, mas não acredito que a encontraremos no naturalismo biológico de Searle.

Por que praticamente todos se enganaram acerca da solução simples de Searle que, de acordo com ele, esteve diante de nossos olhos por um século? De acordo com a leitura de Searle da história da filosofia da mente, é porque, a maioria de nós, incluindo materialistas e funcionalistas contemporâneos, ainda estamos presos a uma “metafísica cartesiana”. Como eu a entendo, esta é a ontologia bifurcada da substância mental e da substância material, com o acompanhamento dos sistemas duais de propriedades mentais e físicas. Para dualistas sérios, os dois domínios, o mental e o físico, são de igual status ontológico, cada um sendo metafisicamente independente do outro. Entretanto, na visão de Searle, fisicalistas e funcionalistas contemporâneos, também, tem se fixado na imagem dualista. Isto ocorre porque eles pensam que seu comprometimento fisicalista força-os a renunciar o mental *in toto* (p. 13 [23-24]). Mais especificamente, Searle argumenta que uma tácita lealdade para com o esquema dualista repousa no coração da conjectura, igualmente compartilhada por cartesianos e materialistas contemporâneos, que “o mesmo fenômeno, sob os mesmos aspectos, não pode literalmente satisfazer ambos os termos” – isto é “físico” versus “mental”, “corpo” versus “mente”, “materialismo” versus “mentalismo” (p. 14 [25]).

O substituto de Searle para esta obsoleta ontologia cartesiana anticientífica é um esquema de multiestratificado, consistindo de “níveis” de objetos e propriedades. Na verdade, tal modelo tem sido um elemento familiar na literatura sobre a teoria da redução.⁸ Os níveis são hierarquicamente ordenados, normalmente com um nível inferior consistindo de “partículas básicas”. À medida que ascendemos aos níveis mais elevados, encontramos átomos, moléculas, células, organismos complexos, etc., e em algum ponto, encontramos organismos com intencionalidade e consciência. O que gera a ordenação é a relação

⁸ Uma proveitosa declaração contemporânea desse modelo é encontrada em Paul Oppenheim e Hilary Putnam, *Unity of Science as a Working Hypothesis*, *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*, vol. 2 (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1958).

assimétrica de *ser parte de*: como diz Searle, “todas as entidades do mundo... em grande e média dimensão, são feitas de entidades menores que são por seu turno, feitas de entidades menores ainda, até que finalmente alcancemos o nível das moléculas, nelas mesmas compostas de átomos, eles mesmos compostos de partículas subatômicas” (p. 86 [128]).

Embora Searle não seja explícito quanto a isso, é normalmente suposto que para cada nível deva existir um conjunto de propriedades características daquele nível. Por exemplo, transparência e inflamabilidade são associadas com o nível molecular; propriedades biológicas fazem sua aparição no nível das células e organismos multicelulares, e assim por diante. Na verdade, uma estrutura ramificada consistindo de múltiplos ramos pode ser mais útil do que uma hierarquia linear de uma única série ordenada de níveis; em um sistema de um único ramo pode ser difícil, por exemplo, situar de certas entidades, digamos, artefatos como sistemas de aquecimento central ou computadores. Mas esses detalhes não afetam o ponto básico: todos os objetos deste mundo e suas propriedades formam uma estrutura hierárquica, em vez de se dividirem ordenadamente em dois domínios discretos como previsto no esquema cartesiano.

O significado central do modelo estratificado para a metafísica e para a metodologia da ciência repousa na relação que se pensa subsistir entre propriedades em níveis adjacentes. A menos que existam relações interessantes entre as propriedades em cada nível, muito da motivação do esquema estratificado seria perdida. O problema então é este: Dado que entidades de um nível podem ser decompostas em partes que pertencem ao nível inferior, como suas propriedades se relacionam com as propriedades e relações que caracterizam suas partes no nível inferior? Duas alternativas que tem sido muito discutidas ultimamente são a *reducibilidade* e a *superveniência*. O reducionismo, no entanto, tem passado por uma má fase há quase três décadas, e a maior parte dos materialistas tem olhado para a superveniência como uma alternativa não reducionista. Embora a própria superveniência se apresente em diversas formas, a alegação básica (quando aplicada ao problema mente-corpo) é que as coisas, ou até mesmo “mundos”, que são indistinguíveis em todos os aspectos físicos, devem ter características mentais idênticas – ou, para colocar um pouco mais de comprometimento metafísico sobre esse ponto, que a natureza física de uma coisa *determina* totalmente a sua natureza mental.

Qual é a visão de Searle sobre esse tema da relação entre propriedades através dos níveis? Como sugere a citação acima, seu argumento principal é que eventos e processos neurais causam os fenômenos mentais. Ele rejeita o reducionismo, mas está disposto a falar em termos de superveniência:

No modo como venho propondo, estados mentais são supervenientes em relação a estados neurofisiológicos no seguinte sentido: causas neurofisiológicas de tipo idêntico teriam efeitos mentalísticos de tipo idêntico (p. 124 [180]).

Searle chama isso de “superveniência causal”, que ele contrasta com a “superveniência constitutiva” exemplificada na superveniência de propriedades morais sobre propriedades não morais (p. 125 [180-81]). Evidentemente a superveniência causal não é uma afirmação independente para Searle: aparentemente ela segue-se de sua tese causal cérebro/mente *plus* o *dictum*: “mesma causa, mesmo efeito” (que Searle aceita explicitamente, p. 75 [112]). Nós podemos supor que esta é a visão geral de Searle acerca das relações entre propriedades através dos diferentes níveis: propriedades de nível superior são causalmente supervenientes, no sentido de Searle, sobre propriedades de nível inferior. Esta visão nos conduz naturalmente a tese de Searle de que propriedades e fenômenos de nível superior são explicáveis por propriedades de nível inferior. Searle diz:

O essencial para explicar o aparato da teoria atômica não é apenas a ideia de que grandes sistemas são compostos de sistemas pequenos, mas que muitas características dos grandes podem ser causalmente explicadas pelo comportamento dos pequenos. Essa concepção de explanação nos dá a possibilidade, na verdade a necessidade, de que muitos tipos de macrofenômenos sejam explicáveis em termos de microfenômenos (p. 87 [129]).⁹

Como eu a entendo, a superveniência causal do mental sobre o biológico, e finalmente sobre o físico, é a base da afirmação de Searle de que “o estado mental de consciência é somente uma característica biológica comum, isto é, física do cérebro” (p. 13 [24]). Ele é bastante enfático: “o que de fato quero dizer é que a consciência *enquanto* consciência, *enquanto* mental, *enquanto* subjetiva, *enquanto* qualitativa é *física*, e física *porque* mental” (p. 15 [26]). Ele tem se incomodado bastante com as pessoas que tem atribuído a ele “alguma doutrina louca de ‘dualismo de propriedades’” (p. 13 [24]).

Se tudo o que isto quer dizer é que o mental é físico e meramente que as propriedades mentais são “características de nível superior do cérebro”, eu duvido que muitos discordariam; nesse sentido, a maioria de nós estaria feliz em apoiar a visão de que propriedades mentais são “características físicas do cérebro”. Mas isto é apenas um jogo de palavras que nos leva a uma questão metafísica não respondida, a saber: tais características de nível superior do cérebro (ou seja: as propriedades mentais) são redutíveis a, ou redutivelmente identificáveis com propriedades de nível inferior (em relação às quais elas

⁹ Creio que essa posição se aproxima muito de uma forma de reducionismo. Não está claro que exceções Searle tem em mente ao dizer que “muitas” (e não “todas”) as macropropriedades são microfisicamente explanáveis.

são supervenientes)? A resposta de Searle, como a resposta de um dualista de propriedades, é um enfático não. Mas é precisamente esta resposta negativa que define dualismo de propriedades.

A tese causal de Searle referente à relação entre propriedades através dos níveis é altamente idiossincrática; no entanto, o modelo estratificado em geral, como eu disse, tem estado por aí faz algum tempo. Os emergentistas britânicos provavelmente foram os primeiros, no início deste século, a dar a tal modelo uma articulação sistemática¹⁰, e ele é o esquema metafísico que tem formado o pano de fundo de muitas das discussões contemporâneas do problema mente-corpo. Portanto, é um mistério, porque Searle sustenta, com alguma veemência, que os debates atuais sobre o problema mente-corpo ainda permanecem inextrincavelmente devotados ao modelo cartesiano de um mundo bifurcado, e que este tem sido a fonte de todos os males e defeitos que, na sua visão, tem assolado a filosofia da mente contemporânea.

Vamos voltar ao problema da causação mental: como propriedades mentais tornam-se propriedades causais no mundo de Searle? O dualismo de Descartes naufragou no problema da causação entre mente corpo, e desde então, o problema da causação mental tem sido o teste ácido que toda pretensa explicação da relação entre mente e corpo é desafiada a superar.

Não há dúvidas que Searle queira dotar a mentalidade de poderes causais. É um tema central do seu livro que a mentalidade é um fenômeno real do nosso mundo, com plenos poderes causais, constituindo a “subjetividade ontológica” deste mundo. Ele descreve sua visão como “a visão de que a consciência, os estados mentais etc. existem no sentido mais ingênuo e óbvio, desempenhando um efetivo papel causal em nosso comportamento” (p. 13 [24]). Com relação à questão sobre “a vantagem evolutiva” da consciência, diz Searle: “a resposta é que a consciência faz todo tipo de coisas” (p. 107 [157]), e “a consciência habilita o organismo a agir no mundo, produzindo efeitos no mundo” (p. 107 [158]).

Todavia, Searle pode mesmo ter tudo isso? Em particular, ele está justificado a sustentar a concepção de eficácia causal da consciência, e [de eficácia] das propriedades mentais em geral, dado o resto de seus comprometimentos? Existem, creio eu, algumas sérias dificuldades.

¹⁰ Ver, e.g., C. Lloyd Morgan, *Emergent Evolution* (London: Williams & Norgate, 1923), e Samuel Alexander, *Space, Time and Deity* (London: Macmillan, 1920). Searle faz uso do idioma da “emergência” (p. 112 [162]), mas não faz referência a literatura emergentista.

Tomemos em consideração um evento mental, uma instanciação de alguma propriedade mental M. este evento, na concepção de Searle, é causado por uma instanciação de uma certa propriedade biológica B. Vamos supor que M tem poderes causais, poderes para causar a instanciação de outras propriedades. Podemos distinguir dois casos: (i) a propriedade que ela [a propriedade M] pode fazer ser instanciada é ela mesma uma propriedade mental; (ii) a propriedade é uma propriedade física. A situação (ii) é claramente uma situação de causação do mental para o físico (chamada “causação descendente” em conexão com o emergentismo¹¹); a situação (i) pode ser chamada de “causação de mesmo nível”. Searle, alguém pode presumir, quer ambas. Vamos primeiro considerar a possibilidade de (i): uma instância de M causa a instanciação de outra propriedade M*. Devemos lembrar, porém, que na concepção de Searle, esta instância de M*, assim como a instância de M, também é causada por algum fenômeno biológico subjacente, uma instância de alguma propriedade biológica B*. Tudo parece como se a instância de M* em questão tivesse *duas causas suficientes distintas*, um fenômeno mental M e um fenômeno biológico (B*) – [como se a instância de M*] fosse causalmente sobredeterminada. Isso, é claro, generaliza rapidamente: todos os casos de causação do mental para o mental envolvem a sobredeterminação do efeito. Esta, de fato, é uma imagem bem peculiar. E, dado o fato de que todo evento mental tem uma causa suficiente nos processos biológicos, cabe perguntar sobre a importância, ou necessidade, do apelo a esta causa mental.

Searle chega muito perto de reconhecer isso como um problema geral; pois depois de notar a possibilidade geral de uma explanação causal do macrofenômeno em termos de seus microcomponentes ele escreve:

E isto, por sua vez, tem como consequência que haverá diferentes níveis de explanação do mesmo fenômeno, dependendo sobre se nós vamos da esquerda para direita, do macro para o micro, ou do micro para o macro, ou de baixo para cima, do micro para o macro (p. 87 [129]).

Eu não estou contestando nenhuma dessas: todos os três tipos de *explanação* são possíveis. Minha questão concerne a *causação*: como pode fazer sentido a presença dessas três relações causais ao mesmo tempo? E se nós incluirmos (ii) acima, a saber, a causação de um fenômeno biológico por um fenômeno mental, temos também uma causação do macro para o micro, e presumivelmente, explanação (diagonal?) “de cima para baixo”, do macro para o micro, uma possibilidade que, embora esteja ausente da lista de Searle, ele

¹¹ Para mais discussões ver meu texto “Downward Causation’ in Emergentism and Nonreductive Physicalism”, em *Emergence or Reduction?* ed. A. Beckermman, et al. (Berlin: de Gruyter, 1992).

tem de aprovar se ele acredita, como ele faz, na causação da mente para o corpo (isto é, da consciência para o comportamento).

Vamos observar brevemente o caso da causação de cima para baixo ou descendente. Causação descendente *prima facie* implica a falha do fechamento causal no nível inferior, e na impossibilidade, por princípio, de uma teoria completa dos fenômenos de nível inferior nos seus próprios termos. Podemos seriamente pensar que teorias biológicas devam incluir referências aos fenômenos mentais como agentes causais? Searle pode retorquir: “Como eu havia dito, fenômenos mentais são apenas características biológicas do cérebro, e como tais eles já estão inclusos na biologia”. Mas Searle não pode escapar tão facilmente: nós devíamos manter em mente que sua alegação de que os fenômenos mentais são características biológicas do cérebro apenas equivale à alegação de que fenômenos mentais são “causalmente supervenientes” em relação aos fenômenos do cérebro. Devemos lembrar, além disso, das alegações sobre a “ontologia subjetiva”, a subjetividade e a intencionalidade irreduzíveis, e todo o resto.

O que agrava a dificuldade é a visão de Searle de que fenômenos de nível inferior *causam* (num “sentido perfeitamente comum”, ele acrescentaria) fenômenos de nível superior. Causação sugere “mecanismo causal”, e uma lacuna temporal entre uma causa e seu efeito; muitas vezes podemos intervir num processo causal evitando que seu efeito ocorra¹². Nada disso faz sentido para relações entre propriedades micro e macro. É por isso que outros falam em termos como “superveniência”, “determinação”, “emergência” e outros semelhantes. Searle está disposto a usar “superveniência” e “emergência”, mas apenas em seu idiossincrático sentido causal. Sua insistência explícita em leituras causais desses termos indica que fala sério quando afirma que relações entre propriedades micro e macro são de fato causais, não outra coisa. Seria interessante saber por que Searle acha a relação causal particularmente adequada para seus propósitos.

O apelo central do reducionismo repousa em sua promessa de uma explicação simples e direta da causação mental. É claro que o reducionismo, quando aplicado ao mental, parece, pelo menos para alguns, ter a consequência desastrosa de matar o paciente no seu processo de cura: em sua tentativa de explicar a causação mental, ele quase expulsa a própria mentalidade que deveria salvar. Penso que o funcionalismo está sujeito a muito do mesmo problema¹³, e nesse ponto sou bastante simpático com Searle. Entretanto, não

¹² O próprio Searle diz: “Não existe nenhuma “ligação” entre a consciência e o cérebro” (p. 105 [155]).

¹³ Ver meu texto “Mental Causation and Two Conceptions of mental properties”, prestes a ser publicado.

podemos meramente insistir na obviedade do fato da causação mental; reducionismo e funcionalismo podem ser falsos, mas eles são tentativas sérias de compatibilizar a causação mental com um mundo essencialmente material. Qualquer pretensa solução para o problema mente/corpo teria de incluir uma explicação da causação mental, e não simplesmente colocá-la como um fato óbvio que todos temos de aceitar. Eu não vejo tal explicação em Searle; nem vejo uma possibilidade séria de desenvolvê-la nos termos do seu naturalismo biológico.

Recebido em: 23-11-2015

Aprovado em: 12-12-2015